

# O URBANO E AS REDES

Rosa Moura<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho busca refletir sobre o papel das redes materializando o processo de globalização e as suas implicações nas relações inter-urbanas e intra-urbanas. Discute o conceito de cidade global e as transformações na hierarquia de cidades, no contexto da celeridade dos fluxos de mercadorias, recursos, informações e pessoas, rompendo fronteiras e tornando anacrônicos os modelos político-territoriais. Apresenta as espacialidades recentes do Sul do Brasil decorrentes dos novos circuitos de produção, confirmando em parte uma desconcentração anunciada e que reproduz o padrão urbano/metropolitano nas mais diversas formas de ocupação. Aponta para a agudização dos conflitos nas relações global/local, fragilizando identidades e recriando formas, ampliando possibilidades de comunicações e reforçando individualismos, e sobretudo provocando a exclusão de crescentes massas.

**Palavras-chave:** redes, globalização, urbano, cidade, espaço e tempo.

## THE CITIES AND THE COMMUNICATION NETWORKS

**ABSTRACT:** This paper intends to reflect the net roles strengthening the globalization process and their involvement in the inter and infra urban relations. It discusses the concept of global city and transformations in the hierarchy of the cities in the context of goods, resources, information and people's fluxes, breaking frontiers and turning the political-territorial and conceptual models anachronics. It shows the recent conformations in the South of Brazil due to the new production circuits, confirming the announced spreading, and that reproduces the urban/metropolitan pattern in the most different occupation ways. It presents the conflict increase in the local/global relations, weakening identities and recreating forms, amplifying communication possibilities and reinforcing individualisms, and above all causing the exclusion of the increasing masses.

**Key words:** nets, globalization, urban, city, space and time.

## O URBANO E AS REDES\*

A partir dos anos 80, transformações econômicas, ideológicas e estratégicas redesenharam a distribuição internacional do trabalho e do poder e permitiram o aumento no fluxo de comércio e de informações, bem como a expansão de empresas transnacionais a mercados antes fechados. O projeto de ultraliberalismo econômico fragilizou as bases que sustentavam materialmente a legitimidade e a eficácia dos Estados nacionais, ameaçando sua soberania externa, seu poder interno de controle e intervenção sobre a economia e a organização social de seus territórios. Em redes, o capital industrial,

<sup>1</sup> Geógrafa do IPARDES, Curitiba – PR.

\* Trabalho apresentado na VI Semana de Geografia "As redes e o espaço geográfico" – eixo temático "O Urbano e as Redes" –, promovida pelo Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, junho de 1996.

financeiro e comercial passa a instalar-se, conforme seus interesses, em pontos dispersos mas intimamente conectados. As fronteiras perderam o significado.

Empresas movimentam-se na busca de incentivos infra-estruturais, financeiros e, em muitos casos, de mão-de-obra barata e de pactos menos severos quanto a vínculos trabalhistas. Já não dependem da localização de matéria-prima, trazendo-a de onde a oferta seja mais vantajosa em termos de qualidade e custo. Não dependem também do mercado: hoje, o mundo inteiro pode consumir produto de qualquer lugar. A facilidade dos transportes garante a produção, pouco onerando o preço da mercadoria, e a inovação tecnológica das comunicações permite a conexão instantânea entre pontos diferentes do planeta, tomando as distâncias irrelevantes.

Tecnologias eletrônicas permitem aumentar o grau de centralização da produção de valores, símbolos e informações simultaneamente à extensão e velocidade de sua circulação. Esse processo vem provocando, fundamentalmente, uma enorme concentração regional e pessoal da riqueza e do conhecimento – 70% da informação produzida e distribuída no mundo vem dos Estados Unidos<sup>1</sup> –, controlado agora por um número limitadíssimo de empresas multinacionais que dispõem de poder quase total de alocação e desalocação de recursos produtivos e financeiros. Das dez maiores empresas<sup>2</sup>, 61% de suas operações e 50% de seus funcionários e unidades de operação estão fora de seus países de origem<sup>3</sup>. O próprio produto já não tem pátria. Seus componentes provêm de vários países.

Um dos melhores exemplos de empresa global, a Nike não possui sequer uma fábrica ou uma máquina, nem emprega nenhum operário. Sua produção é feita sob encomenda a empresas de terceiros – a grande maioria sediada em países asiáticos – que devem respeitar os modelos desenhados por especialistas norte-americanos, numa perfeita estratégia de produção e uso intensivo de *marketing*. Só na divulgação da marca da empresa são investidos 10% do seu faturamento.<sup>4</sup> Enredados, os países centrais concentram cada vez mais o poder e se fortalecem tomando cada vez mais móveis suas idéias.

No movimento da economia nacional e internacional, países do Primeiro Mundo ostensivamente competem e uma nova divisão espacial e internacional do trabalho se estabelece: atividades de alta tecnicidade e funções direcionais são reservadas às regiões centrais, enquanto tarefas repetitivas, pouco qualificadas e que requerem considerável mão-de-obra se vêem relegadas às periferias.<sup>5</sup> A reestruturação das atividades econômicas industriais cria bolsões de estagnação. Nas metrópoles, onde os efeitos da crise se intensificam, evidenciam-se os conceitos da economia dual: ilhas de moderno em mares de exclusão<sup>6</sup>, ou cidades primeiro-mundistas de capital global convivendo, no mesmo espaço, com cidades terceiro-mundistas de trabalho global<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> FIORI, J.L. Globalização, estados nacionais e políticas públicas. **Ciência Hoje**, São Paulo : SBPS, v.16, n. 96, p. 24-31, dez. 1993.

<sup>2</sup> Entre as 10 maiores empresas estão a Mitsubishi, Mitsui, Itochu, Sumimoto, Nissho, Marubeni, Ford, Exxon, Shell e General Motors.

<sup>3</sup> NASCIMENTO NETO, Antenor. A roda global. **Veja**, São Paulo : Abril, v. 29, n. 14, p. 80-89, 3 abr. 1996.

<sup>4</sup> FRANCO, Célia de Gouveia. Empresas globalizadas trocam patrimônio por *marketing*. **Folha de S. Paulo**, 2 nov. 1997. Cederno Especial Globalização, p. 11.

<sup>5</sup> BENKO, G. Organização econômica do território : algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. (Org.). **Território : globalização e fragmentação**. São Paulo : Hucitec : ANPUR, 1994a. p.52.

<sup>6</sup> PANIZZI, W. **Possibilidades e limites das políticas urbanas**. Conferência proferida no Encontro Catarinense para a Habitat II. Florianópolis, out. 1995

<sup>7</sup> SOJA, E.W. O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA : virando Los Angeles pelo avesso. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. (Org.). **Território : globalização e fragmentação**. São Paulo : Hucitec : ANPUR, 1994.

Assim, a aceleração de tendências globalizantes reforça a caracterização de uma nova metrópole: descentralizada, que mistura novas e velhas formas e desafia as visões do urbano, suburbano e rural. Nela, a dinâmica do desenvolvimento já não é determinada por um modelo singular de polarização, o padrão de ocupação não obedece a lógica da valorização linear a partir do centro, e os fluxos de relações e de pessoas passam a ser movidos por interesses que provocam conflitos entre o global e o local. A metrópole modificada repolariza-se, segmenta-se, restaura os extremos entre riqueza e miséria, permeando categorias étnicas, raciais, culturais, nacionais. A estrutura social desestabiliza-se e as classes tornam-se flutuantes e imprevisíveis politicamente.<sup>8</sup> O espaço dessa nova metrópole transformada não se extingue com a aceleração contemporânea, mas apenas muda de qualidade.<sup>9</sup>

## As redes materializam a globalização

As redes podem ser definidas como “um conjunto de elementos e relações que se estabelecem entre elementos (nós) que entre si mantêm determinadas atividades de intercâmbio e troca.”<sup>10</sup> Diferente de sistema, “a rede tem uma conotação espacial, de extensão: ela é uma teia que não apenas representa ligações entre pontos abstratos, mas que contém uma dimensão de extensão (mais ou menos concreta-espacial) das relações.”<sup>11</sup>

São novas modalidades de articulação entre espaços, não implicando justaposição, mas sim a simultaneidade do funcionamento global das unidades territoriais. “Possivelmente, o elemento que ‘solda’ os nós da rede é o manejo da simultaneidade, ou seja, o funcionamento sob uma lógica comum que não precisa de instruções diacrônicas, mas do funcionamento reticular (...); os espaços que se encontram integrados em forma reticular não dependem tanto de seus espaços vizinhos imediatos quanto de lógicas extraterritoriais e não raro extranacionais”.<sup>12</sup>

Tais lógicas são favorecidas pela ampliação da oferta de aparatos tecnológicos e pelo barateamento de seu custo de operação, popularizando – relativamente – o acesso às redes de comunicações e reduzindo a importância da localização geográfica. Como exemplo, tem-se que, segundo Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU para 1997, entre 1970 e 1990 o preço de uma chamada telefônica internacional caiu mais de 90%, enquanto o tráfego de comunicações cresceu mais de 20% ao ano.

A Internet criou uma supervia de informação da qual deriva a imagem de um mundo organizado segundo a estrutura de uma rede e que “está criando um tecido social inteiramente novo e global”<sup>13</sup>. Esta seria uma leitura parcial, pois, apesar de cabos e redes perpassarem pela maioria dos países, o acesso às comunicações é privilégio de poucos. Segundo o *Computer Industry Almanac*, em 1995, nos Estados Unidos havia 350 micro-

<sup>8</sup> SOJA.

<sup>9</sup> SANTOS, M. **O novo mapa do mundo** : tempo e espaço mundo ou apenas, tempo e espaço hegemônicos? Caxambu : ANPOCS, 1993. 6 p. Trabalho apresentado ao Encontro Anual da ANPOCS, 17., Caxambu, 1993.

<sup>10</sup> RANDOLPH, R. Redes estratégicas e de solidariedade e organização territorial à procura de novas formas territoriais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 5., 1993, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte : UFMG : CEDEPLAR, 1995. v.2, p.784.

<sup>11</sup> RANDOLPH, p. 785.

<sup>12</sup> NICOLAS, D. H. Tempo, espaço e apropriação do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. (Org.). **Território** : globalização e fragmentação. São Paulo : Hucitec : ANPUR, 1994. p.95.

<sup>13</sup> NEGROPONTE, Nicholas, citado por GONÇALVES, Marcos Augusto. Intercâmbio aproxima países do mundo e anuncia “cultura global”. **Folha de S. Paulo**, 2 nov. 1997. Caderno Especial Globalização, p. 10.

computadores para cada mil habitantes; no Reino Unido, 200; no Japão, 140; na Argentina, 20; no Brasil e na África do Sul, apenas 10.<sup>14</sup>

## As redes arrebatam a rede urbana

A integração das novas tecnologias através da microeletrônica e da comunicação via satélites torna desnecessária a conexão física entre equipamentos. "Este fenômeno, de fato, pode significar uma ruptura nas chamadas teorias de vantagens locacionais, ou seja, todos os lugares passam a apresentar condições semelhantes, o que torna o espaço ubíquo."<sup>15</sup> As tecnologias abrem um leque de possibilidades locacionais e a aglomeração deixa de condicionar o sucesso de um empreendimento.

A rede urbana deixa de ser uma instância regional ou de traduzir o arranjo das cidades de um país. Uma análise do conceito de cidade global ressalta os laços existentes entre a rede mundial de empresas e a das grandes cidades, sendo que estas devem ser consideradas centros geográficos privilegiados de uma economia capitalista transnacional.<sup>16</sup> Descreve a existência de uma hierarquia funcional entre cidades no contexto da economia capitalista mundial e lhes reconhece funções supra-locais nas quais se possa buscar uma nova ordem hierárquica urbana (funções econômicas, financeiras, inovações culturais). As grandes cidades que se destacam nessa hierarquia são as que exercem funções de comando transnacional e de alto nível e/ou as que localizam as instalações da rede internacional de empresas, que têm efeito multiplicador nas economias regionais.

Dessa forma, a hierarquização do sistema urbano internacional explica-se pela distribuição desigual das funções supra-locais de comando em relação ao processo de produção e valorização do capital. "As grandes cidades enquanto centros de valorização do capital (...) são as principais unidades espaciais que determinam igualmente o desenvolvimento regional em cada caso. De maneira mais geral, o conceito de 'cidade global' pode vir respaldar a hipótese de uma desregionalização da hierarquia urbana. De fato, o lugar e o potencial econômico da cidade capitalista dependem cada vez menos do papel de metrópole regional que ela pode desempenhar e cada vez mais de suas funções no comando de transregionais. (...) À proporção que os processos de valorização do capital se internacionalizam, o desenvolvimento dessas cidades está mais do que nunca ligado a decisões tomadas em outras cidades, quase sempre distantes."<sup>17</sup>

As cidades globais favorecem a desregionalização do sistema urbano. "São os centros de localização de atividades econômicas nacionais e internacionais que se desenvolvem independentemente de seu meio geográfico local ou regional imediato. (...) As relações que cidades como São Paulo, Londres ou Frankfurt mantêm com Paris, Nova Iorque e Tóquio são muito mais importantes do que as que podem ter com suas instituições regionais ou nacionais".<sup>18</sup>

Da mesma forma, Los Angeles, no centro e Hong Kong, na periferia, têm muito mais em comum, como centros de produção flexível, do que Los Angeles e Cleveland, que partilham da mesma identidade nacional, mas se enraízam em processos de industrialização diferentes.<sup>19</sup>

<sup>14</sup> COMPUTER INDUSTRY ALMANAC citado por GONÇALVES, Marcos Augusto. Intercâmbio aproxima países do mundo e anuncia "cultura global". **Folha de S. Paulo**, 2 nov. 1997. Caderno Especial Globalização, p. 10.

<sup>15</sup> BERGHOLZ, A. Novas tecnologias e a estruturação do espaço. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 5., 1993, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte : UFMG : CEDEPLAR, 1995. v.2, p.805.

<sup>16</sup> BENKO, G. Organização econômica...

<sup>17</sup> BENKO, G. Organização econômica..., p.58.

<sup>18</sup> BENKO, G. Organização econômica..., p.59.

<sup>19</sup> BENKO, G. Organização econômica..., p.53.

A mundialização permite a criação de lugares especializados e complexos, em que o meio humano possibilita a floração de múltiplas atividades localmente complementares e espacialmente distribuídas. O meio técnico é diferenciado e adaptado para recebê-las.<sup>20</sup>

A possibilidade do conhecimento prévio das virtualidades de cada lugar viabiliza a escolha objetiva da produção e a mobilidade dos fatores de produção (homens, produtos, mercadorias, capital, mensagens) integrados em conjuntos cada vez maiores que sobrepõem a região e o país, alcançando o mundo. Estes exigem maior especialização territorial e complementariedade entre territórios e entre frações de um mesmo território.

<sup>21</sup> A nova divisão do trabalho exige também uma regulação de controle estrito, mesmo à distância, nos circuitos de produção (por onde flui a matéria) e nos circuitos de cooperação (pelos quais flui a informação).

O novo sistema urbano passa a ser extremamente diferenciado e complexo. As pequenas cidades especializam-se para regularem a vida no campo. O rural é mais suscetível à aceitação do novo capital, tornando-se o *locus* do capital tecnológico. Para o campo se orientam as classes médias, enquanto a cidade recebe os pobres. Enquanto o campo produz, a cidade realiza a cooperação necessária à nova divisão do trabalho. O *design* das redes urbanas, das hierarquias funcionais do sistema urbano, assim como as zonas de influência das cidades devem ser repensados em função dos novos mecanismos geográficos. As similitudes dos estratos de tamanho desaparecem. As metrópoles regionais se diferenciam e se submetem à onipresença das metrópoles mundiais. São Paulo está presente em todos os pontos do território informatizado brasileiro, ao mesmo tempo e imediatamente.<sup>22</sup>

Assim, a “rede urbana passa a ser diferentemente definida porque se constituirá de agora em diante pelos pontos de encontros, nós ou nódulos, pelas conexões entre esses diversos círculos da cooperação. É desse modo que se redistribuem geograficamente os capitais, o trabalho produtivo e o resultante espectro de classes sociais.”<sup>23</sup>

## As redes “urbanizam” o espaço

Em parte, muitas mudanças já podem ser perceptíveis nas análises da dinâmica demográfica mundial das últimas décadas. Nos Estados Unidos, a população que residia fora das áreas centrais nos anos 80 chegou a 75% da população total e a população rural apresentou índices de crescimento. Em 1970, já era percebido um ritmo de crescimento fora das metrópoles a taxas metropolitanas – um fenômeno conhecido como *turnaround* da população, ou seja, seu crescimento em áreas adjacentes à fronteira da metrópole, que funcionavam como receptáculo de migração às custas do centro metropolitano. Esse processo difere do dos anos 80, época em que o crescimento ocorria em áreas afastadas, anteriormente agrícolas, ocasionado pela migração de uma população não dependente do trabalho na cidade mas formadora de um núcleo de infra-estrutura “portátil”, indicando a fase inicial de um padrão mais abrangente de desenvolvimento para os anos vindouros.<sup>24</sup>

Muitas metrópoles mundiais tiveram redução de suas taxas anuais de crescimento populacional, com aumento dessas taxas nas áreas suburbanas e de centros menores. Evidentemente, o emprego também se afastou das grandes cidades. Essa realidade reforça a tese de que a facilidade das redes de comunicações ampliou a

<sup>20</sup> SANTOS, M. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo : Hucitec, 1994.

<sup>21</sup> SANTOS, M. O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil. **Espaço e Debates**, v. 8, n. 25, 1988.

<sup>22</sup> SANTOS, M. O meio técnico...

<sup>23</sup> SANTOS, M. O meio técnico..., p. 60.

<sup>24</sup> GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo : Ed. da USP, 1993.

possibilidade de acesso às informações entre os lugares, reduzindo a importância dos grandes sobre os pequenos centros e do urbano sobre o rural.

No Brasil, os resultados da Contagem da População de 1996 também apontam para um declínio nas taxas de crescimento das metrópoles, marcando nitidamente o fim da hegemonia de São Paulo e do Rio de Janeiro na participação da população total das regiões metropolitanas. A perspectiva do processo de desconcentração da atividade econômica, confirmada nos resultados estatísticos, aponta, no entanto, certos limites espaciais. A reaglomeração da indústria – atividade em movimento sob novos e velhos condicionantes – vem desenhando um padrão locacional concentrado em determinados setores e lugares. Da mesma forma, o rearranjo diferente da postura tradicional de economia fechada vem provocando impactos sobre a dimensão espacial e a autonomia regional. A conexão direta de lugares (cidades, regiões) com o mundo ameaça a estrutura de complementariedades atreladas ao Sudeste, abrindo alternativas locais de comércio exterior desvinculadas da economia brasileira.

Com a interiorização do desenvolvimento industrial no Estado de São Paulo, houve um fortalecimento das economias regionais, favorecendo a redistribuição espacial da população no Estado. A elevação das taxas de crescimento em regiões do interior contrapõe-se ao arrefecimento do crescimento da Região Metropolitana de São Paulo, já iniciado na década de 70 e que no período 1980/91 apresentou saldo migratório negativo.<sup>25</sup>

Nesse Estado, as regiões que apresentaram maior crescimento foram exatamente aquelas localizadas próximas ou até contíguas à RMSP, levando a crer que a desconcentração industrial procura ainda novas economias de aglomeração.<sup>26</sup>

No âmbito da Região Sul do Brasil, a dinâmica da urbanização, reproduzindo o padrão da dinâmica paulista – preservada sua escala –, vem definindo um conjunto de espacialidades que descreve a distribuição da população em conformidade a vetores de dinamização, apresentando áreas de atratividade e oferta de vantagens locais, assim como os focos de retração.

Estudo recente<sup>27</sup> identifica como espacialidades dinâmicas e concentradoras:

- a) os espaços metropolitanos de Curitiba e Porto Alegre, e pré-metropolitano de Florianópolis, com uma dinâmica de crescimento mais intensa nos municípios periféricos que no pólo;
- b) a expansão dos espaços metropolitanos para regiões adjacentes, passando a envolver aglomerações importantes e com dinâmica própria num macrocomplexo metropolitano;
- c) a generalização do fenômeno das aglomerações urbanas, com ocupação contínua agregando mais de um município, introduzindo periferias distantes, na maioria das vezes permeadas por vazios, expandindo perímetros urbanos sobre áreas rurais circundantes – pólos em expansão, aglomerações litorâneas e eixos de intensa complexidade; estes, pelo fato de incorporarem aglomerações, vêem reforçado seu grau de complexidade e intensificada a sua dinâmica.

O estudo identifica também aglomerações de fronteira, constituídas também por espaços urbanos contínuos assentados sobre territórios políticos administrativos distintos, sejam aglomerações interestaduais, que aproximam dois centros independentes que se apoiam e se beneficiam por concentrar um volume maior de população fortalecendo um mercado local, sejam aglomerações internacionais, cuja importância decorre da função estratégica de seus centros, reforçada pelo comércio de fronteira.

<sup>25</sup> BÓGUS, L.M.M.; BAENINGER, R. Redesenhando o espaço no interior paulista: desconcentração e expansão urbana. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo : SEADE, v.9, n. 3, jul./set. 1995.

<sup>26</sup> CAIADO, A.S.C. Dinâmica sócioespacial e a rede urbana paulista. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo : SEADE, v.9, n.3, jul./set. 1995.

<sup>27</sup> IPARDES. *Dinâmica demográfica da Região Sul* : anos 70 e 80. Curitiba : IPARDES, 1997. 180 p.

No contraponto, o estudo identifica ainda espacialidades decorrentes de fluxo de partida, compondo áreas de esvaziamento com extremos que vão da persistência de elevadas taxas de decréscimo da população rural – mesmo nas regiões de antiga expulsão – à emergência de núcleos urbanos apresentando perda populacional.

A redistribuição espacial da população no Sul do Brasil, assim como no Estado de São Paulo, também confirma a tese de que “a dispersão da migração pelo interior, contudo, não significou uma contra-tendência no processo de urbanização; pelo contrário, foi um reforço àquela tendência.”<sup>28</sup> Novas áreas metropolitanas se constituíram e inúmeras aglomerações urbanas passaram a compor o quadro da atual urbanização brasileira.

O processo de modernização das cidades em curso nas últimas décadas aponta traços que inequivocamente unificam a rede urbana numa mesma tendência de transformação nos modos de organização da vida, possibilitada pelo avanço tecnológico e pelos sistemas de comunicações, pela internacionalização dos mercados de bens e de serviços e pela disseminação de formas novas de consumo. As “cidades se transformam não apenas pelo impulso do seu próprio dinamismo local, mas, cada vez mais, pelo efeito dos circuitos dinâmicos das atividades e de estímulos que resultam de decisões e iniciativas que ultrapassam essas cidades”.<sup>29</sup>

Torna-se concreto o sentido “portátil” da atual vida urbana e até mesmo da cidade, descrito por Gottdiener. “Em lugar da forma compacta da cidade que outrora representava um processo histórico em formação há anos, existe agora uma população metropolitana distribuída e organizada em áreas regionais em permanente expansão, que são amorfas na forma, maciças no escopo e hierárquicas em sua escala de organização social.”<sup>30</sup>

Ao mesmo tempo em que se generaliza o acesso ao moderno – pequenos municípios do interior conectam-se a redes mundiais; parabólicas já compõem o cenário rural do Sul do Brasil com a mesma naturalidade que as extensas plantações de soja ou trigo, ou os tratores e colhedeiras –, generaliza-se também a problemática da segregação – no Sul, não só as aglomerações urbanas reproduzem a lógica da ocupação das regiões metropolitanas, contrapondo áreas nobres e modernas a espaços segregados, mas também os centros de médio porte e muitos dos pequenos reproduzem suas contradições.

Além disso, o novo padrão dos espaços urbanizados configura desenhos de ocupação e usos singulares onde o fato físico-territorial – ora pautado em espaços complexos, contínuos, dinâmicos e concentrados, ora mantendo apenas um equilíbrio remanescente de atividades tradicionais que se sustentam, ora objeto do impacto de grandes fluxos de saída – nem sempre é compatível com o arranjo político-administrativo. Essas configurações espaciais exigem a reflexão sobre as novas formas de planejamento e gestão, redirecionando intervenções e apoiando-se em pactos com os diversos agentes atuantes.

## As redes mitificam o tempo

Na medida em que a proximidade física deixa de ser um quesito de decisão, a hipótese de fragmentação ou mesmo dissolução das cidades passou a ser considerada.

Paul Virilio, pensador da tecnologia e seus efeitos no mundo contemporâneo, num misto de futurismo e nostalgia vislumbrou: “onde antigamente a pólis havia inaugurado um teatro político, como a ágora, o fórum, só resta hoje o tubo catódico, onde

<sup>28</sup> CAIADO, p. 49.

<sup>29</sup> GONÇALVES, M.F. Dinâmica recente da urbanização paulista. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 5., 1993, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte : UFMG : CEDEPLAR, 1995. v.2, p. 643.

<sup>30</sup> GOTTDIENER, p.14.

se agitam as sombras, os espectros de uma comunidade em via de desaparecimento, onde o cinematismo propaga a última aparência de urbanismo, a última imagem de um urbanismo sem urbanidade onde o tato e o contato dão ao lugar um impacto televisual (...)"<sup>31</sup>

"Na cidade mundo, organizada teletopicamente, as metrópoles são meramente bairros".<sup>32</sup> Essa cidade conectada ao mundo, via comunicação instantânea, cria o hábito da informação simultânea, deixando de ser ela mesma, assumindo uma mundialidade que transcende seu próprio lugar. Na "telecidade" tudo passa a ser ao vivo. Os acontecimentos são mediatizados pela imagem e ao mesmo tempo transformados em espetáculo. A sociedade passa a ser, imperceptivelmente, platéia de um espetáculo que não lhe diz respeito. No espetáculo ao vivo verifica-se a disjunção espaço/tempo. Os homens passam a desenvolver a noção de telepresença à distância, ou seja, de estar telepresentes no lugar em que aconteceu alguma coisa.

As distâncias perderam a importância: foram vencidas pela velocidade. Leituras desatentas reduzem a noção de espaço ao significado de distância e a noção de tempo ao significado de velocidade, produzindo grandes fábulas. Como lembra Milton Santos, não há um "tempo do mundo" ou um "tempo da técnica". O tempo se dá pelos homens na temporalização prática e na interpretação particular de cada grupo ou indivíduo. Daí, a distância do homem comum com relação a esse novo tempo é cada vez maior. Daí, também, que glorificar a velocidade pode ser desconsiderar a verdadeira força transformadora dos homens lentos, para quem as imagens pré-fabricadas da velocidade são apenas miragens.<sup>33</sup>

No cotidiano da cidade, a globalização amplia os fatos e confunde as práticas. A partir do discurso global são criados novos hábitos e demandas que conflituam com necessidades próprias. Modelos exógenos são assumidos, enquanto fato em curso, em que o "local" não participa da formulação e tampouco interfere em seu destino, numa reação de irresponsabilidade e descompromisso com relação à eficácia. No espetáculo da realidade, o efeito demonstração desmobiliza: "a ação à distância salva numerosas vidas, mas irresponsabiliza o crime."<sup>34</sup>

Segundo Giddens, o advento da modernidade provoca relações entre "ausentes", rompendo a interação face a face. Os "locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta relações distanciadas que determinam sua natureza."<sup>35</sup>

Tolhida na identidade, a aparente homogeneização das formas altera as feições do lugar e constrói um "não-lugar". Georges Benko mostra que em todo o mundo emergem espaços nos quais não estão simbolizadas nem identidade, nem relação, nem história – como aeroportos, rodovias, quartos de hotel intercambiáveis, meios de transporte, pedágios, estacionamentos enormes, distribuidores automáticos (dinheiro, bebidas, passagens, etc.), *shopping centres*, supermercados, cadeias de distribuição e

<sup>31</sup> VIRILIO, P. *L'espace critique*. Citado por BENAKOUCHE, T. *Novas tecnologias de comunicação, velhas desigualdades regionais*. s.n.t. Trabalho apresentado ao Encontro Nacional da ANPUR, 4., Salvador, 1991.

<sup>32</sup> VIRILIO, P. *Telecidade*. **Folha de S. Paulo**, 13 jul. 1993. Entrevista.

<sup>33</sup> SANTOS, M. *Metrópole: a força dos fracos é seu tempo lento*. In: SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.82.

<sup>34</sup> ECO, H. *Rápida utopia*. In: *VEJA 25 anos: reflexões para o futuro*. São Paulo: Abril: Organização Odebrecht, 1993. p.114.

<sup>35</sup> GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1991. p.27.

marcas (Benetton, Lacoste), cadeias de hotelaria e de refeições rápidas (Novotel, McDonald's, etc.).<sup>36</sup>

"A velocidade, os transportes, a mundialização das trocas e da circulação engendram a fabricação de lugares intercambiáveis, idênticos em todo o mundo, por onde passamos sem nos deter, sem encontrar ninguém. (...) Instalamo-nos numa comunicação solitária, como parece indicá-lo a multiplicação dos não-lugares."<sup>37</sup>

Essa velocidade de trocas transtorna a vida cotidiana, pois provoca "uma abertura planetária graças à recepção de informações sobre o mundo inteiro com a velocidade da luz e, ao mesmo tempo, um isolamento pessoal e a individualização das experiências de comunicações"<sup>38</sup> – fenômeno a que o autor chama comunicação solitária.

Marc Augé, referindo-se aos "não-lugares", descreve o percurso de um viajante, de sua casa em Paris, passando por caixas eletrônicas, pedágios, máquinas registradoras de estacionamentos, *chek in*, controle de embarque internacional, compras em *free shoppings*, embarque e identificação de assento, compras no curso do voo, apelos de propaganda para hospedagem e locação de veículos, até aterrisar após sobrevoar o Mediterrâneo, o Mar da Arábia e o Golfo de Bengala, sem ter proferido nenhuma palavra. Na chegada, "ele estaria, enfim, só."<sup>39</sup>

## As redes acentuam os conflitos intra-urbanos

A cidade, enquanto forma construída, é um artefato social que, planejadamente ou não, responde às necessidades de um tempo. Novas necessidades podem recolocar os padrões desejáveis, porém não de forma imediata, mas respeitando uma certa inércia. A cidade sempre foi um ponto de encontro permanente, e como tal permanece tendo o mesmo valor.<sup>40</sup>

Diante da aceleração que a cada momento explode para criar o novo, em cada época ocorrem "as reações de admiração e medo diante do inusitado e a dificuldade para entender os novos esquemas e para encontrar um novo sistema de conceitos que expressem a nova ordem de gestação".<sup>41</sup>

Enquanto a cidade se adapta ao seu novo papel, subjugada pela prevalência da produção e do consumo globalizado, a exclusão social assume proporções inaceitáveis. Prescindindo de trabalhadores menos ou desqualificados, o sistema econômico aceita e a sociedade deseja a apartação. Assim, hoje, mora-se em condomínios fechados, compra-se em *shopping centres* que concentram também cinemas e restaurantes, sai-se da rua para a maioria das atividades. Estas se encerram em ambientes fechados, guardados por muros e milícias particulares. Alguns desses ambientes agregam uma nova condição: o pagamento de ingresso.<sup>42</sup> No futuro, as praias poderão ser fechadas, as ruas bloqueadas e

<sup>36</sup> BENKO, G. Breve exame do mundo pós moderno. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. (Org.). **Território** : globalização e fragmentação. São Paulo : Hucitec : ANPUR, 1994.

<sup>37</sup> BENKO, Breve exame..., p.245 e 247.

<sup>38</sup> BENKO, Breve exame..., p.249.

<sup>39</sup> AUGÉ, M. **Não-lugares** : uma introdução à antropologia da pós-modernidade. Campinas : Papirus, 1994. p.11.

<sup>40</sup> BERGHOLZ, p. 826.

<sup>41</sup> SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo. In: SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo** : globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo : Hucitec, 1996. p.29.

<sup>42</sup> São exemplos o Moinho Santo Antonio, inaugurado em São Paulo em 1995, e o Estação Plaza Show, recém aberto em Curitiba.

as favelas cercadas, talvez com a desculpa de proteger os pobres da violência.<sup>43</sup> Na agudização destas soluções, muitos espaços serão reduzidos a guetos de descartados.

Nessa relação de *apartheid*, um cenário de insuportáveis transgressões desfaz o sistema de ordem longa e solidamente organizado, que teve por base a cidade e por objetivo a cidadania. A dramatização da violência e as facilidades da ilegalidade levaram à banalização do mal e ao culto de uma razão cínica. "No Brasil o urbanismo produziu a cidade, mas não o cidadão!"<sup>44</sup>

A cidade não absorveu todos os seus grupos; foi conquistada por eles. A população, mesmo fora da esfera da participação política, encontrou o caminho para fazer valer seus interesses pela cidade. Para o bem ou para o mal, a adesão à cidade produziu uma ética limitante a grupos e pessoas. Há um estilo ousado nas práticas da violência e da informalidade/ilegalidade – a cidade ilegal situa a legal.

A cidade deixa de ser palco da construção de uma ordem moderna, regulada, fundamentalmente, pelas normas do processo de urbanização, tanto na sua dimensão material – nos processos de regulamentação do uso do solo – quanto na sua dimensão cultural – processo de construção das representações sobre a cidade (urbanidade). A idéia de cidade se desfaz. Sua ordem não produz mais os efeitos de civilidade esperados, e deixa que surjam territórios particularizados no lugar de espaços públicos, coletivos.

Na metrópole efêmera, novas formas de controle se estabelecem: o *marketing* político cria falsos representantes e detentores de um também falso poder. Simulacros são construídos pelo crescente poder político e social como substitutos lógicos ou simulações de condições reais, cópias de um original que não existe, farsas e fantasias reais que funcionam não apenas como imagens e ícones, mas como parte da nossa realidade material, influenciando nosso comportamento diário e nossas opções de vestir, comer, votar, construir.<sup>45</sup>

Como se não bastasse a violência da dominação para conter a explosão dessa estrutura segmentada, fragmentada, volátil, descentralizada, heterogênea culturalmente, a cidade carcerária usa a polícia para substituir a *polis*. Polícia oficial e não oficial (intra-muros), controle social em atos de sadismo de rua, cidadãos armados: a violência e a obsessão pela segurança permeiam a psicogeografia da metrópole pós-moderna encorajando a autoridade a manter sob controle todos os fragmentos e polaridades.<sup>46</sup> A metrópole violenta se protege.

Contradições e confrontos regem o cotidiano da cidade. Relações efêmeras ou pactos poderosos ameaçam a rigidez do planejamento e da gestão tradicionais, exigindo que sejam assumidas novas posturas. A força e o poder dos interesses dominantes emanados sobre os pontos de conexão das redes – os lugares – submetem absolutamente as orientações e práticas de ler e gerir a cidade. Embora pareça o contrário, quanto menor o lugar, mais suscetível e mais nítidas são as implicações dessas mudanças.

A despeito de reconhecerem a perversidade de tais implicações, as cidades cada vez mais concorrem por não serem excluídas de uma dinâmica mundial e dos benefícios que ela garante – mesmo cientes de que esses benefícios sejam reservados a apenas uma minoria de "incluídos".

<sup>43</sup> BUARQUE, C. **A revolução nas prioridades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

<sup>44</sup> PECHMAN, R.M. A cidade dilacerada: ordem e urbanismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 5., 1993, Belo Horizonte. Encruzilhadas da modernidade e planejamento. Belo Horizonte: ANPUR: CEDEPLAR, 1995. v.1, p.81.

<sup>45</sup> SOJA, p. 163 e 166.

<sup>46</sup> SOJA, p. 165.